

O PONTO CULMINANTE DO ATAQUE CLAUSEWITZIANO NA CAMPANHA DE ROMMEL NA ÁFRICA DO NORTE

Capitão-de-Corveta Haroldo Vasques Leandro

O Capitão-de-Corveta Haroldo Vasques Leandro foi Oficial-Aluno do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (CEMOS/2005). Atualmente, é o Imediato da Fragata Independência.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem o propósito de analisar a campanha do Norte da África, empreendida durante a 2ª Guerra Mundial (2ªGM), buscando identificar qual foi o ponto culminante do ataque das forças comandadas pelo Marechal de Campo Alemão Erwin Rommel.

Na consecução deste propósito, serão abordados alguns conceitos teóricos a respeito de elementos estratégicos com o intuito de auxiliar a análise em questão. Em especial, destacam-se os conceitos de Ponto Culminante do Ataque, Fricção e Centro de Gravidade, os quais se relacionam ao trabalho de Carl Von Clausewitz.

Ainda, será apresentada uma narração sucinta a respeito da vida de Rommel, como forma de destacar os seus pilares de formação e, até mesmo, identificar o motivo que o levou a obter considerável prestígio e sucesso durante sua atuação no conflito em pauta.

Posteriormente, será realizada uma descrição da campanha alemã no Norte da África, a fim de prover um exame das circunstâncias a que esteve submetido o exército alemão.

Finalmente, será apresentada uma análise conclusiva, abordando o momento em que o exército de Rommel atingiu o seu Ponto Culminante de Ataque, procurando evidenciar os elementos que, segundo Clausewitz, caracterizam a ocorrência de tal evento.

O PONTO CULMINANTE DO ATAQUE CLAUSEWITZIANO

A teoria referente ao ponto culminante do ataque, postulada por Clausewitz, se destina a modelar a dinâmica de um encontro entre forças antagônicas, no que tange à exaustão da capacidade da força atacante. Na verdade, o conceito se refere ao momento de um combate em que o lado atacante atinge o limite de sua superioridade tática e que, a partir de então, deverá iniciar um procedimento de defesa, sob pena de sofrer sérias baixas, ao passo que o inimigo tenderá a empreender uma ação de contra-golpe (1:3-27).

Os preceitos referentes ao ponto culminante do ataque muito têm a ver com a concepção de “força decrescente do ataque”, também postulada por Clausewitz, que aborda o enfraquecimento de uma ação de ataque perante o oponente que se restringe a se defender. Em sua obra “Da Guerra”, Clausewitz atesta: “a forma mais defensiva de guerra é em si mesma mais forte do que a ofensiva” (2:428). Tal assertiva é ainda reforçada por um outro trecho da referida obra: “a defensiva é a forma mais forte da condução da guerra” (2:429). Como justificativas para o enfraquecimento do ataque, podemos considerar os diversos fenômenos que compreendem as relações de guerra, tais quais: a assimetria entre ataque e defesa; a fricção; o envolvimento do povo com o conflito; a dinâmica das forças morais; os resultados dos combates; e o caráter político da guerra (1:3-27).

Porém, como identificar em uma determinada campanha qual o momento do ponto culminante do ataque? De fato, tal discernimento é de difícil consecução ao passo que é muito tênue o ponto em que um dos lados beligerantes passa a ter desvantagem tática em detrimento de uma superioridade do adversário. No entanto, é mister de que este momento se caracteriza pelo instante em que o prosseguimento do ataque começa a debilitar a própria força atacante e sua continuação compromete a integridade do seu exército, arriscando a sacrificar tudo o que fora obtido até então. Dessa forma, o prosseguimento de um ataque a partir do seu ponto culminante pode fazer com que o atacante perca, além dos objetivos que já havia conquistado, a sua capacidade de se defender. Assim, de acordo com Clausewitz, a percepção do ponto culminante do ataque deve ser uma das maiores preocupações do estrategista e trata-se de um fator de limitação dos próprios objetivos da guerra (1:3-28).

O FENÔMENO DA FRICÇÃO NOS CAMPOS DE BATALHA

O fenômeno da fricção foi identificado por Clausewitz que o incorporou à sua teoria. Diz respeito a um efeito inerente à realidade da guerra e dos confrontos, tornando-se motivo de influência no resultado destes. Assim, Clausewitz considera que a fricção é o que torna a guerra real, pois, de outra forma, tudo seria muito simples. De fato, a fricção corresponde ao acúmulo de uma série de dificuldades que começam a contribuir para a consecução da contenda. Dessa forma, pode-se exemplificar o citado fenômeno com as seguintes situações: um nevoeiro espesso que pode contribuir para a ocultação de um determinado exército; uma tempestade de areia que pode atrasar a cinemática de uma força que esteja atuando no deserto; e um terreno alagadiço que pode atrasar a marcha de um batalhão (1:3-27).

No decorrer deste trabalho, será visto como este fenômeno se relacionou com o ponto culminante do ataque da campanha de Rommel no Norte da África.

ERWIN ROMMEL

Erwin Rommel pode ser considerado o general de maior notoriedade que atuou na 2ªGM, no lado da Alemanha Nazista. Militar dedicado à carreira, patriótico, criativo e bastante arrojado, Rommel teve participação destacada nas duas guerras mundiais que assolaram o século XX, com desempenho digno de admiração e respeito tanto de seus pares alemães quanto de seus adversários. Assim sendo, como forma de melhor entender os motivos para tamanho êxito, torna-se válida uma reconstituição dos principais fatos e aspectos que constituem a história daquele que ficou conhecido como “A Raposa do Deserto”¹.

Em 15 de novembro de 1891, na cidade de Heidenhein na der Brent, no estado de Wurtemberg, nascia Erwin Rommel. Filho de um professor e neto de um oficial de estado, Rommel foi criado no seio de uma típica família da classe média alemã. Originalmente, Rommel intencionava se formar em engenharia, mas acabou por ingressar no exército alemão, em julho de 1910. Assim, Rommel se alistou em um regimento militar da infantaria local como cadete. Em março de 1911, Rommel ingressou na Escola Militar em Danzig. Durante esse período, ele conheceu a mulher que seria a sua única esposa durante toda a vida: Lucie Maria Mollin. O matrimônio ocorreu em 1916, no transcorrer da 1ª Guerra Mundial (1ªGM), e, em 1928, o casal vivenciou o nascimento de seu único filho: Manfred Rommel (5:10).

Após a sua formatura em Danzing, Erwin Rommel foi designado para um regimento em Weingarten. A partir daí, desempenhou a função de Oficial de Regimento de Recrutamento no estado de Weingarten (5:10 e 11).

Com a eclosão da 1ªGM, em 1914, o regimento no qual o então Tenente Rommel servia foi enviado à frente de batalha, iniciando uma série de participações de um soldado que viria a se destacar por atos de bravura em combate. Por isto, em janeiro de 1915, Rommel foi condecorado por bravura com a Cruz de Ferro de 1ª classe. Durante o restante da guerra, logrou participação destacada na Unidade de Montanha, na frente com a Romênia e na frente com a Itália. Cumpre destacar a sua conduta na batalha desenrolada no lugarejo de Caporretto, em virtude da qual Erwin Rommel foi novamente condecorado, desta vez com a “Pour l'ê Merite”. Ao término da Guerra, o já Capitão Erwin Rommel foi transferido de volta para o seu regimento em Weingarten (5:1 a 31).

No período entre guerras, Rommel seguiu normalmente a carreira militar, tendo como destaque a comissão na Escola de Infantaria de Dresden, onde pôde aprimorar as suas concepções táticas e estratégicas baseadas na experiência adquirida na 1ªGM (5:32 a 37).

¹ Designação atribuída a Erwin Rommel em virtude dos constantes truques e estratégias que o mesmo empregava durante os confrontos de que participava.

Em 1932, Erwin Rommel foi promovido a Major, e designado para o Comando de um Batalhão de Montanha em Goslar². Mais tarde, tendo passado cerca de três anos, em 1935, Rommel foi promovido a Tenente-Coronel e assumiu o cargo de Instrutor Chefe da Academia Militar de Potsdam, onde pôde escrever o livro *Infanterie Greift An*, em que narrou o aprendizado obtido durante a 1ªGM (5:39). A promoção a Coronel ocorreu em uma época que sucedeu um curto período de encargos à frente da Juventude Hitlerista³, em 1937. Em novembro de 1938, Rommel foi designado para comandar a Academia de Guerra em Wiener Neustad (5:44). Tal designação representou mais uma oportunidade para Rommel aprofundar seus conhecimentos táticos e estratégicos, ao mesmo tempo que pôde contribuir na formação de futuros militares.

Em 1939, às vésperas da eclosão da 2ªGM, Rommel foi promovido a Major-General e recebeu o Comando do Corpo da Guarda de Adolph Hitler⁴, tendo acompanhado o mesmo durante a campanha da Polônia (5:44). Na ocasião, Rommel pôde constatar, pessoalmente, a potencialidade da *Blitzkrieg*⁵ associada às Divisões *Panzer*. Em fevereiro de 1940, Rommel recebia o comando de uma Divisão *Panzer* – a 7ª (5:46).

Em maio de 1940, foi iniciada a campanha de invasão da Europa Ocidental e a 7ª Divisão *Panzer* estava incluída na mesma. Não tardou a ser revelado, logo nas primeiras fases da campanha, o ímpeto, a coragem e o pundonor de Rommel, que conduzia as ações de sua divisão posicionado na linha de frente das batalhas. Além disso, procurando privilegiar ao máximo os benefícios da Guerra de Manobra, Rommel usualmente empreendia tamanha rapidez aos seus ataques que, por vezes, se distanciava, junto com a sua divisão, das demais unidades alemãs. Já podia ser identificada neste momento a familiarização que Rommel teve com a nova sistemática de guerra alemã, fato que viria a lhe propiciar frutos em futuras batalhas (5:46 a 59).

Em janeiro de 1941, Rommel foi promovido ao posto de Tenente-General e recebeu o comando do recém-criado *Afrika Korps*, que iria a socorro das tropas italianas que se encontravam vivenciando reveses perante as forças inglesas no Norte da África. O novo cargo representou um grande prestígio para a carreira de Rommel, que se adaptou de forma peculiar às condições inerentes à da guerra no deserto associada às características de mecanização e coordenação da *Blitzkrieg*. Nesta campanha, Rommel obteve diversos êxitos tendo atingido seu auge por ocasião da tomada da fortaleza de Tobruk, fato que

² Tratava-se do 3º Batalhão do 17º Regimento de Infantaria.

³ Organização destinada a disseminar as concepções Nazistas entre a juventude da Alemanha da época.

⁴ Chefe de Estado da Alemanha no período da 2ª Guerra Mundial.

⁵ Guerra relâmpago – concepção de guerra alemã que envolvia a ampla exploração da mobilidade dos blindados em coordenação com o emprego de aeronaves de ataque.

lhe valeu a imediata promoção ao posto de Marechal de Campo. Porém, a despeito de seus êxitos, o Alto-Comando Alemão não tinha interesse na região e negou a maioria dos pedidos de reforços de Rommel, o que ocasionou uma progressiva degradação do poder combatente do *Afrika Korps* que, após dois anos e quatro meses de intensa campanha, acabou por sucumbir perante a força aliada (5:60 a 139).

Após a capitulação do *Afrika Korps*, Rommel regressou à Alemanha, onde foi submetido a tratamento médico. Meses depois, Rommel desempenhou alguns cargos de comando na Itália e na Grécia, mas, foi finalmente encarregado das defesas da “Muralha do Atlântico”⁶ Preocupado com as condições defensivas da região, Rommel fez uma série de alertas e solicitações ao Alto-Comando Alemão que, mais uma vez, não destinou atenção ao assunto (5:140 e 142).

Em junho de 1944 os aliados desembarcaram na Normandia e Rommel tinha consciência de que a derrota alemã era questão de tempo. Nesse ínterim, ele acabou por se envolver em um movimento de alguns generais alemães que estavam decididos a depor Hitler do poder como forma de negociar uma rendição pacífica com os aliados. Porém, a tentativa do golpe, que se deu por intermédio de um atentado a bomba em uma sala de reuniões em que o *Führer*⁷ se encontrava, não deu certo. Mais tarde, Rommel teve seu envolvimento com o movimento revelado e, como forma de preservar a imagem do grande Marechal Alemão, foi convidado pelo Alto-Comando Alemão a se suicidar, tendo falecido em outubro de 1944. Rommel foi enterrado com todas as honras militares pois o Alto-Comando Alemão não quis denegrir a imagem daquele que representava um dos ícones da máquina de guerra nazista (5:148 a 157).

Pode-se observar na trajetória de vida de Rommel, uma prematura vocação para o exercício da liderança aliada a uma extrema compleição de coragem e bravura. Oportunamente, Rommel teve ainda algumas passagens pelo sistema de ensino militar alemão, o que lhe conferiu oportunidade para reflexões e aprimoramentos em suas convicções e experiências de guerra. Sua rápida ascensão ao generalato e suas raras condecorações não lhe cercaram o espírito de combatividade e arrojo. Será visto que tais características serão determinantes na ocasião de sua vida que mais lhe exigirá e que também mais o glorificará – A Campanha do Norte da África.

A CAMPANHA DO NORTE DA ÁFRICA

A Itália de Mussolini⁸, logo no início da 2ªGM, vislumbrou uma projeção de poder sobre a região do Norte da África, com a idéia de promover um

⁶ Disposição defensiva na costa da França que visava a repelir uma possível tentativa de invasão dos aliados.

⁷ Forma pela qual os alemães se referiam a Hitler.

⁸ Ditador Italiano que liderou o país no período da 2ªGM.

desgaste das posições inglesas na área. Assim, desde 1935, a Itália havia invadido e se estabelecido na Etiópia. e, ao final de 1940, enviou um exército de 250.000 homens para atacar o Egito através da Líbia. Entretanto, Churchill⁹, considerava o Oriente-Médio uma das zonas estratégicas essenciais para o desenvolvimento do conflito e, por isso, não estava disposto a ceder território. Rapidamente, o General Wavell, Comandante-em-Chefe das tropas inglesas estacionadas na região, empreendeu uma ofensiva que repeliu os italianos da Cirenaica e chegou até o coração da Líbia¹⁰.

Em atendimento a um apelo de Mussolini, Hitler resolveu destacar uma Divisão *Panzer* para a região, de maneira a tentar reverter a situação. No comando desta Divisão, Hitler designou o então Tenente-General Rommel (4:9).

Logo ao chegar à região e organizar as forças disponíveis, Rommel já obteve êxito ao contra-atacar as posições inglesas na Líbia, o que levou a uma reconquista do território perdido pelos italianos. Na seqüência, Rommel desfechou uma ofensiva contra Tobruk, que foi, no entanto, defendida com arrojo por soldados ingleses e australianos (5:60 a 77).

Fruto do crescente prestígio de Rommel junto às tropas aliadas, em 17 de novembro de 1941 os ingleses puseram em prática um plano para atentar contra a vida do então Tenente-General Alemão, com o emprego de Forças Especiais. No entanto, como Rommel encontrava-se ausente, em viagem a serviço, o citado atentado foi mal sucedido (5:85).

Oportunamente, o *Afrika Korps* empreendeu novas ofensivas à Tobruk, sob pena de consideráveis perdas, até que, em 22 de junho de 1942, conseguiu finalmente submeter a Fortaleza. As forças britânicas que restaram recuaram até a localidade de Mersa Matruh, onde se mantiveram entrincheiradas. No dia seguinte à conquista de Tobruk, Rommel tomou conhecimento de que fora promovido por Hitler a Marechal de Campo e, em seguida, obteve permissão do Alto-Comando Alemão para avançar sobre o Egito (5:77 a 106).

As forças alemãs tinham a finalidade de preservar a vantagem tática durante as próximas ações e, a despeito do desgaste e do cansaço dos soldados, progrediram em direção ao Egito, e alcançaram a frente de batalha de Mersa Matruh, no dia 26 de junho de 1942. À ocasião, as tropas inglesas já se encontravam abatidas e combalidas, o que muito favoreceu o êxito do ataque alemão. Em uma seqüência de manobras de mobilidade e rapidez o *Afrika Korps* conseguiu envolver seu adversário que não chegou a apresentar grande resistência. O 13º exército, sob o comando do General Gott, foi disperso pela ofensiva, assim como o 8º exército. Na ocasião, o General Auchinleck¹¹ resolveu

⁹ 1º Ministro Inglês durante o período de ocorrência da 2ªGM.

¹⁰ Artigo "Guerra no Deserto". Disponível em: <www.geocities.com/2a_guerra/texto7.htm>. Acesso em 12 jul. 2005.

¹¹ General Britânico que substituiu o General Wavell no cargo de Comandante-em-Chefe das Tropas Aliadas no Oriente-Médio.

assumir pessoalmente o controle das ações, tendo se deslocado para substituir o General Ritchie no comando do 8º exército. Por fim, o que sobrou das tropas inglesas foi reagrupado e recuado até El Alamein, que seria a passagem natural das forças do Eixo¹² a fim de atingir seu objetivo maior, as cidades do Cairo e Alexandria. Cumpre ainda observar, que, considerando a condição física e psicológica dos integrantes do *Afrika Korps*, a investida alemã sobre Mersa Matruh só foi possível graças à liderança e à pertinácia de Rommel que sabia como ninguém extrair o máximo de seus comandados (5:106 a 109).

Em continuação ao seu avanço, Rommel investiu sem interrupção sobre a frente de El Alamein, tentando aproveitar o desgaste físico e moral dos soldados ingleses do 8º exército. No entanto, o exército alemão foi surpreendido por poderosa resistência britânica. Oportunamente, Rommel desfechou um segundo ataque, já com um *Afrika Korps* mais enfraquecido, que não logrou êxito em suas ações. Estava perdida a 1ª Batalha de El Alamein. A insistência de Rommel no ataque, contribuiu para a degradação de suas forças (5:113).

Por volta de 5 de julho de 1942 as forças alemãs já não ostentavam o mesmo brilho de antes. De fato, as seguidas batalhas travadas em um relativamente curto período de tempo, e nas condições inerentes ao deserto, deixaram o *Afrika Korps* perto de um colapso. Ao final do mês de julho o exército britânico recebeu mais reforços o que significava um aumento no grau de dificuldade da missão dos alemães. Não obstante, o General Auchinleck adotou uma tática de “defesa estática” se detendo a manter as posições obtidas pelas forças britânicas. Neste ponto, parecia claro que a derrocada das tropas alemães, que não tinham previsão da chegada de reforços, era questão de tempo. Em Berlim, o Alto-Comando Alemão insistia em dedicar todos os recursos à frente oriental¹³, deixando de lado a Campanha da África e negando as constantes solicitações de reforços proferidas por Rommel (5:113 e 114).

Na ocasião, Churchill resolveu comparecer ao local. A idéia de que o *Afrika Korps* estivesse tão próximo do Canal de Suez era considerada pelo líder britânico como inaceitável (5:114). Destarte, por considerar que a tropa britânica na região carecia de um ânimo novo, Churchill resolveu substituir o General Auchinleck. Em seu lugar, era nomeado o General Alexander que recebia o Comando Supremo de todo o Oriente-Médio. O 8º Exército passava às mãos do General Montgomery (5:118).

Conhecendo a fama do *Afrika Korps*, Montgomery adotou a concepção de não assumir postura ofensiva. Portanto, ele queria primeiro concluir seus preparativos defensivos e realizar treinamentos com seus soldados.

Pelo lado alemão, Rommel finalmente recebia o tão esperado reforço. Desembarcavam na região a 164ª Divisão Alemã, a Brigada de Pára-quedistas

¹² Aliança militar estabelecida na 2ªGM, envolvendo Alemanha, Itália e Japão.

¹³ Frente de Batalha aberta contra a ex-União-Soviética.

Ramcke e a Divisão Aeroterrestre Folgore, italiana. Além disso, as forças do Eixo também receberam um aumento em seus blindados (5:118).

Assim sendo, Rommel viria a efetuar uma nova ofensiva, na qual tentaria, enfim, suplantar as forças inglesas. Era a Batalha de Alam Halfa. O ataque alemão foi liderado pela 15ª Divisão *Panzer* que não conseguiu uma penetração na linha defensiva britânica. Com nova disposição tática, os blindados ingleses conseguiram fazer valer suas posições defensivas e rechaçaram com violência as investidas alemãs que acabaram por fazer uma retirada. Montgomery fez questão de não permitir perseguição ao inimigo, negando a Rommel a possibilidade de destruição de alguns blindados por ocasião da retração de sua força. A Batalha de Alam Halfa estava perdida para os alemães (5:119 e 120).

Após o malogro na Batalha de Alam Halfa, as forças do Eixo, pela primeira vez, adotaram uma postura defensiva na campanha. O fato se deveu a dois motivos: a supremacia numérica do adversário e a escassez de combustível. Rommel resolveu recuar ainda mais com o *Afrika Korps* (5:121).

Em setembro de 1942, Rommel teve que se ausentar da região em virtude de problemas de saúde. De volta à Alemanha, ele tentou mais uma vez obter reforços para a campanha tendo, no entanto, recebido resposta negativa. O *Afrika Korps* continuava a não ser prioridade do Alto-Comando Alemão. À época, a disparidade numérica de forças era flagrante: as forças britânicas totalizavam 230.000 homens, 1.351 tanques e 1.400 canhões anti-tanques, ao passo que as forças do Eixo totalizavam 80.000 homens, 540 tanques e 24 canhões anti-tanques (5:124 a 126).

Ainda durante a ausência de Rommel, no mês de outubro de 1942, começava a 2ª Batalha de El Alamein. Dessa vez a iniciativa foi dos ingleses que desfecharam um ataque às posições alemãs por intermédio de intenso bombardeio. A despeito de sua superioridade numérica, Montgomery insistia em adotar uma postura cautelosa a fim de evitar possíveis armadilhas do inimigo. Rommel voltou à cena de ação três dias após o início da batalha e tentou ainda a realização de contra-ataques e armadilhas. Por fim, os ingleses conseguiram uma nova vitória sobre o *Afrika Korps*. Era o fim da 2ª Batalha de El Alamein (5:126 a 129).

Em novembro de 1942, iniciava-se a operação aliada de retomada final do Norte da África. Era a “Operação Tocha”, a qual previa o desembarque de volumosos reforços norte-americanos na região. Na ocasião, Rommel tinha plena consciência de que não havia como se contrapor aos revigorados exércitos aliados, considerando que o ideal era fazer a retirada das forças do Eixo. Porém, Hitler achava essa alternativa inaceitável e emitiu a ordem de que Rommel resistisse com o *Afrika Korps* até o último homem (5:129 e 131).

A partir deste novo cenário, o *Afrika Korps* adotou a postura de se defender e recuar o quanto podia. Em maio de 1943, cerca de 250.000 soldados do Eixo se rendiam, era o fim do *Afrika Korps* e da campanha do Norte da África (5:139).

A atuação do *Afrika-Korps*, sob a liderança do Marechal Erwin Rommel, constituiu-se em um dos destaques da máquina de guerra alemã na 2ªGM. Sem dúvida, por muito pouco Rommel não conseguiu superar as forças inglesas e controlar pontos estratégicos importantes para a condução da guerra, entre os quais o Canal de Suez e os campos petrolíferos do Oriente-Médio. Cumpre destacar as circunstâncias a que o exército alemão esteve submetido, já que, a falta de visão geopolítica, embaçada pela ambição da campanha contra a ex-União-Soviética, não permitiu que o Alto-Comando do país dedicasse reforços e apoio logístico na medida adequada e no momento oportuno. Em especial, fica claro que a última ação ofensiva em que o *Afrika Korps* ainda nutria chances de êxito foi a 1ª Batalha de El Alamein, batalha esta que será analisada posteriormente neste ensaio. Cumpre ainda ressaltar, que o ataque do *Afrika Korps* sobre as forças inglesas, logo após a chegada de reforços, na Batalha de Alam Halfa, foi um erro de avaliação de Rommel que subestimou as forças inglesas pois não dispunha de poderio adequado para infligir uma derrota ao inimigo.

O CENTRO DE GRAVIDADE DO *AFRIKA KORPS*

Antes de que seja prosseguida nossa análise, é necessário que seja identificado um elemento estratégico de vital importância no *Afrika Korps* que é o Centro de Gravidade. Aspecto de grande relevância para as partes envolvidas em um conflito, o Centro de Gravidade foi definido por Clausewitz no Capítulo IV do Livro Oitavo de sua obra, como:

[...]é necessário que jamais se perca de vista as relações predominantes dos Estados beligerantes. Os interesses que se relacionem com eles formarão um centro de poder e movimento que arrasta tudo mais. É contra este centro de gravidade que deve ser dirigido o choque coletivo de todas as coisas (2:726).

No caso do *Afrika Korps*, pode-se identificar dois centros de gravidade, um de natureza tática e o outro de natureza operacional.

O centro de gravidade de natureza tática tratava-se da mobilidade e rapidez dos blindados alemães que compunham as divisões *Panzer*. O arrojo e obstinação destas divisões causaram por diversas vezes surpresa e confusão a adversários que se encontravam, quase sempre, em vantagem numérica. E mesmo na fase final da campanha, os blindados alemães ainda impunham severas baixas ao armamento aliado.

Já o centro de gravidade de natureza operacional sem dúvida repousava na liderança de Erwin Rommel. Por diversas vezes os integrantes das tropas do

Eixo chegaram ao extremo da fadiga física e psicológica mas, ainda assim, conseguiam seguir em frente e impor danos e importantes vitórias sobre tropas inimigas numericamente superiores. De fato, os próprios ingleses perceberam isso muito bem, tanto que, conforme citado anteriormente, durante a campanha do Norte da África, foi enviado um grupo de “comandos”¹⁴ ingleses com a tarefa de matar o Marechal Alemão. No entanto, conforme também já visto, a missão foi mal sucedida.

É com base nesses dois aspectos, referentes ao centro de gravidade do *Afrika Korps*, que se pode entender como um exército que esteve sempre em minoria numérica conseguiu obter prolongado êxito e resistiu por tanto tempo, mesmo atuando em condições desfavoráveis.

A 1ª BATALHA DE EL ALAMEIN E O PONTO CULMINANTE DO ATAQUE DA CAMPANHA DE ROMMEL

Após 1 ano e 6 meses de intensa campanha militar no Norte da África e em consecução a uma grande vitória tática, que foi a batalha de Mersa Matruh, o *Afrika Korps* foi finalmente superado quando atacou a linha de resistência inglesa posicionada na localidade de El Alamein. De fato, após este ataque, as forças do Eixo sofreram considerável perda e não mais conseguiram obter vantagem em nenhuma outra ação. Mas, faz-se oportuna uma análise da 1ª Batalha de El Alamein, para identificar os elementos característicos do ponto culminante do ataque da campanha de Rommel.

Um dos aspectos básicos deste conceito, conforme já abordado anteriormente, é a perda da capacidade ofensiva de um lado que vinha realizando o ataque, redução esta que sugere que o referido contendor interrompa a sua ação e inicie um procedimento defensivo sob pena de sofrer sérias baixas. Em face do que foi anteriormente exposto, pode-se perceber que foi justamente em El Alamein, durante a 1ª Batalha, que o *Afrika Korps*, não mais conseguindo evoluir, sem que ao menos tivesse alguma probabilidade de sucesso, desfechou uma investida sobre posições inglesas fortemente defendidas. De acordo com os postulados de Clausewitz, este aspecto confirmou a superioridade da defesa sobre o ataque, caracterizando uma assimetria entre atacar e defender, o que contribuiu para que Rommel atingisse o seu ponto culminante do ataque.

Um segundo aspecto a ser analisado é: qual o motivo da degradação da força combativa do Exército de Rommel? O Marechal Alemão, aproveitando-se de um momento de retirada das tropas inglesas, após a Batalha de Mersa Matruh, resolveu não propiciar ao inimigo tempo para restauração e decidiu infligir um ataque imediato às suas posições defensivas. Porém, Rommel desconsiderou o longo período em que seus homens estavam em ações de

¹⁴Tropa de elite destinada a realização de serviços especiais.

combate, alguns chegando ao ponto de exaustão. O fato caracteriza o fenômeno da fricção na guerra, já definido anteriormente, que Clausewitz apontava como uma das causas para a ocorrência do ponto culminante do ataque.

Um terceiro aspecto a ser considerado é a dinâmica das forças morais. O momento de realização do confronto encontrava um *Afrika Korps* já advindo de uma série de campanhas, praticamente sucessivas, sem que tivesse recebido nenhum reforço considerável. Assim, apesar da constante preocupação de Rommel na manutenção do moral de seus combatentes, os soldados começavam a conviver com incertezas, comida imprópria, tendo até mesmo utilizado fardas e armamento que eram capturados dos ingleses. A despeito da liderança de Rommel, já apontada como um dos centros de gravidade do *Afrika Korps*, os soldados alemães começavam a ter o moral naturalmente abatido.

Como exposto, pode-se depreender que a soma desses três aspectos, juntamente com a dinâmica do confronto de forças em questão, resultou em uma degradação no poder combatente das tropas alemãs. Conforme preconizado por Clausewitz, teria sido prudente para Rommel ter identificado tais aspectos com a suficiente antecedência e, assim, ter interrompido o ataque, até então conduzido, para assumir posições defensivas, a fim de evitar maiores perdas.

CONCLUSÃO

A identificação do ponto culminante do ataque durante um confronto militar trata-se de uma análise complexa e de difícil consecução ao passo que é muito tênue o ponto em que o lado atacante passa a ter desvantagem tática em virtude da degradação do seu poder combatente. Entretanto, é flagrante que este momento se caracteriza pelo instante em que a continuação do ataque começa a debilitar a própria força atacante e sua continuação compromete até as conquistas que já foram obtidas. Assim, de acordo com Clausewitz, a percepção do ponto culminante do ataque deve ser uma das maiores preocupações do estrategista e trata-se de um fator de limitação dos próprios objetivos da guerra.

Ao analisar a Campanha do *Afrika Korps*, não se pode destituir seus êxitos da imagem do seu ilustre comandante - o Marechal Erwin Rommel. Militar honrado, bem conceituado, com uma vocação inata para o exercício da liderança, aliada a uma extrema compleição de coragem e bravura, e que, aproveitou suas passagens pelo sistema de ensino militar alemão, para reflexões e aprimoramentos em suas convicções e experiências de guerra.

Sem dúvida, a atuação do *Afrika-Korps* constituiu-se em um dos destaques da máquina de guerra alemã na 2ªGM. De fato, por muito pouco Rommel não conseguiu superar as forças inglesas e controlar pontos estratégicos importantes para a condução da guerra, tais como o Canal de Suez e os campos petrolíferos do Oriente-Médio. No entanto, ao efetuar qualquer análise sobre o desempenho

do exército alemão, deve-se considerar as circunstâncias a que o mesmo estava submetido, pois vivenciou longo período de conflito sem o recebimento de reforços e sem uma estrutura logística adequada. De fato, a falta de apoio e prioridade do Alto-Comando Alemão coibiu o *Afrika Korps* do apoio logístico que - na medida adequada e no momento oportuno - poderia ter propiciado condições satisfatórias para o arremate da campanha.

De todos os aspectos positivos inerentes ao desempenho do *Afrika Korps*, podem-se destacar dois que, por sua relevância, constituem os centros de gravidade operacional e tático daquela força, quais sejam, respectivamente: a liderança de Erwin Rommel; e a mobilidade e rapidez dos blindados alemães que compunham as divisões *Panzer*.

Por fim, pode-se identificar, no transcorrer da 1ª Batalha de El Alamein, a concorrência de três fatores decisivos ao resultado da batalha, quais sejam: redução da capacidade ofensiva; acúmulo de pontos de fricção; e degradação física e psicológica dos combatentes alemães. Tais fatores, juntamente com a dinâmica do confronto de forças em questão, resultou em uma degradação no poder combatente das tropas alemãs, levando-as ao seu ponto culminante do ataque. De fato, utilizando a ótica da teoria preconizada por Clausewitz, seria prudente que Rommel houvesse identificado tais aspectos com antecedência e tivesse interrompido o ataque para assumir posições defensivas, evitando maiores perdas. Cumpre ainda ressaltar que, o ataque do *Afrika Korps* sobre as forças inglesas, logo após a chegada de reforços, na Batalha de Alam Halfa foi um erro de avaliação de Rommel, que subestimou as forças inglesas, já que não dispunha de poderio suficiente para infligir derrota ao inimigo.

Assim, a experiência do *Afrika Korps* na campanha da África do Norte, nos prescreve um exemplo da importância da identificação do ponto culminante de ataque de um confronto e da imediata assunção de uma postura defensiva para um posterior reagrupamento ou reforço de potencial e para, principalmente, evitar uma degradação ainda maior na força atacante.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN – 304A. **Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro, 2004.
2. CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso, Lisboa: Editora Perspectivas & Realidades, 1976.
3. LIDDEL HART, B.H. **The Rommel Papers**. Tradução de Paul Findlay. New York: Harcourt, Brace and Company, 1953.
4. MACKSEY, Kenneth. **Afrika Korps, Rommel no deserto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1974.
5. SIBLEY, Roger; FRY, Michael. **Rommel**. 1. ed. Rio de Janeiro: Renes, 1976.